

Terapia mediada por animais: Uma prática veterinária.

Profa Dra. Ceres Berger Faraco

Médica Veterinária, Dra. em Psicologia PUCRS/Universidade de Valencia,Espanha. Professora do Curso de Psicologia da FACCAT, Coordenadora Grupo de pesquisa INTERHA – Estudos da relação humano-animal. Presidente da AMVEBEEA – Associação Médico-Veterinária Brasileira de Bem-Estar Animal. Email: ceresfaraco@gmail.com . Av. Oscar Martins Rangel, 4500, Taquara, RS, CEP: 95600-000

Introdução

O uso dos animais como auxílio em atividades terapêuticas tem uma longa história, porém o uso extensivo, documentado e organizado é relativamente novo. Os programas que incluem animais já existem na Europa e América do Norte e, recentemente, estão sendo integrados às práticas de diversas instituições brasileiras visando benefícios terapêuticos, fisiológicos, psicológicos e psicossociais (BECK e KATCHER, 1984; FARACO, 2003).

Atualmente, essa especialidade tem sido empregada numa ampla variedade de contextos, como: terapias de grupo e individual, com pacientes externos ou em circunstâncias de internação, em escolas, em residências terapêuticas e para reabilitação física e social. Além dessas, na Saúde Mental há programas direcionados aos casos de: transtorno de ansiedade; transtornos alimentares; transtornos de humor; comportamentos obsessivos-compulsivos; estresse pós-traumático; déficit de atenção e hiperatividade; conduta opositiva/ desafiante; nos casos de abuso e dependência de drogas (FARACO et al, 2009).

Cabe ressaltar que devido a sua amplitude singular, há diferentes profissionais contribuindo para o desenvolvimento desta área: fonoaudiólogos, assistentes sociais, terapeutas de família, terapeutas ocupacionais, veterinários, enfermeiros, psicólogos, comportamentalistas, pedagogos, professores, médicos, entre outros. A natureza interdisciplinar e multidisciplinar destas atividades constitui um desafio adicional e uma oportunidade incomum para os profissionais potencialmente envolvidos nessa temática.

Para a Medicina Veterinária estas atividades terapêuticas abrem novos caminhos para o exercício profissional. Possibili-

dades essas, que demandam aquisição e adequação de habilidades específicas. Este texto, preenchendo uma lacuna na área em questão, aborda tópicos de interesse para o médico veterinário que atua ou deseja participar destas intervenções.

Os programas de intervenção com animais

A decisão de incluir animais com fins terapêuticos pressupõe que esses possam oferecer algo que as pessoas ou grupos alvos necessitem para melhorar sua vida significativamente, ou então, adicionar uma motivação especial para que sejam realizadas determinadas atividades ou tratamentos.

Os resultados esperados poderão ser de natureza variada: melhoria psicossocial, motivação para executar tarefas importantes ou até mesmo ajuda para realizar determinadas tarefas que são inalcançáveis para os beneficiários por seus próprios recursos. Deve ficar claro que não devemos esperar que um animal possa satisfazer as necessidades ou melhorar a vida de todas as pessoas. Fatores trans-geracionais e experiências de vida podem definir a possibilidade ou impossibilidade de contato humano com determinadas espécies animais ou raças.



Intervenção com porquinho da Índia (DOLZ ;FARACO, 2006)

Quando um profissional idealiza um programa de AAT para uma pessoa ou grupo, em cujo processo de tratamento será incluído um animal, objetivos concretos devem ser estipulados e adequados às peculiaridades de cada caso. A intervenção pode ser realizada por um profissional ou por uma equipe inter/multidisciplinar. No entanto, os cuidados higiênicos sanitários devem ser de responsabilidade de um médico veterinário, bem como a supervisão dos aspectos comportamentais do animal e as formas de interação com os pacientes alvos.

Aspectos éticos envolvidos

Os aspectos éticos devem estar relacionados a três perspectivas que muitas vezes são conflitantes no seu interesse: pessoas, animais e delimitação da intervenção. No que diz respeito às pessoas, nas nossas intervenções seguimos a Resolução do CFP Nº 016/2000 de 20 DE DEZEMBRO DE 2000 que orienta sobre a realização de intervenções com seres humanos.

Para as atividades educacionais seguimos as recomendações da Declaração do Rio de Janeiro sobre os Animais de Estimação nas Escolas, elaborada pela International Association of Human-Animal Interaction Organizations (IAHAIO), em 2001. Esta dispõe sobre as condições sanitárias, de segurança e de bem-estar dos animais e crianças. Neste documento, é enfatizada a importância da precisão de objetivos, da intervenção e do esclarecimento, junto às escolas e famílias, sobre os propósitos destes programas.

O início de cada programa implica em um acordo sobre as regras de convivência entre pessoas e animais e, nesse são previstos os cuidados com os animais (incluindo informações sobre o manejo adequado e o respeito com as características fisiológicas e comportamentais de cada espécie).

Os animais selecionados para estas atividades são considerados animais de serviço e devem ter um regime especial de participação. É preciso preservar o período de descanso, para evitar estresse, sendo estabelecidas áreas de isolamento em que o ruído, movimento e outros fatores ambientais sejam controlados.

Seleção dos animais

A seleção de animais tem como foco o princípio de quem recebe as atenções co-

-terapêuticas dos animais é portador de transtornos físicos ou mentais e poderá beneficiar-se através da inclusão destes como modalidade terapêutica complementar.

Muitos dos princípios que se empregam para selecionar animais de companhia em ambientes domésticos podem ser empregados em settings terapêuticos. Dentre esses, podemos salientar: os animais que participam de atividades devem ser saudáveis, ter o esquema de vacinação completo, padrão para a espécie, e tratamento antiparasitário. É de fundamental importância que cada animal seja avaliado no que diz respeito a sua estabilidade comportamental frente às mudanças de ambiente físico e social.

Existem inúmeras razões para a variação dos animais utilizados nas intervenções em relação à espécie, raça, e nível de treinamento. O contexto da atividade e os objetivos a serem alcançados são etapas básicas a detalhar, quer dizer, os animais serão facilitadores para exercícios, para aprendizagem, transmitirão segurança ou serão facilitadores sociais? Estas e outras questões devem ser respondidas já no planejamento.

É necessário conhecer amplamente as espécies, sendo um erro básico escolhê-las pela afinidade do profissional/equipe ou pela sua disponibilidade, sem levar em conta todos os aspectos envolvidos no contexto. Os cães, sem sombra de dúvida, são os mais frequentemente utilizados, mas cabe salientar, que as diferentes raças ou as cruzas entre elas somadas as experiências de vida de cada animal, podem resultar em indivíduos com comportamentos opostos, por ex: agressividade ou tolerância, ser submissos ou dominadores e serem brincalhões ou pacatos. Reiteramos que as avaliações comportamentais são também responsabilidade dos veterinários (WENG et.al,2006).

É indispensável o controle sanitário dos animais, detectando manifestações clínicas precoces de enfermidades infecciosas e de patologias comportamentais. A avaliação periódica por um médico-veterinário é obrigatória, assim como devem ser elaborados protocolos preventivos e de manejo desde a etapa de planejamento destas atividades.

Modelo de programa e resultados

Título: Desenvolvimento pró-social na infância



(DOLZ e FARACO (2007))



(FARACO (2002))



(DOLZ e FARACO, 2007)



(DOMINGUEZ e FARACO, 2009)

Equipe profissional: psicóloga, veterinária e voluntários

Público -alvo: crianças de 4 a 12 anos

Áreas trabalhadas: auto-estima, habilidades sociais, auto-controle e r

Variáveis estudadas:

Conduta pró-social: CP,

Instabilidade Emocio-

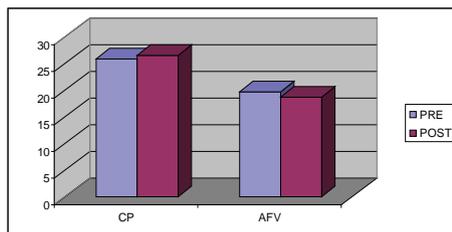
nal: IE; Agressão Física ou Verbal: AFV e Empatia: Emp

Resultados: Dados coletados antes e depois das intervenções com os professores e crianças participantes

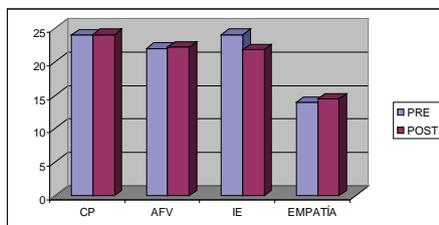


(DOLZ e FARACO, 2006)

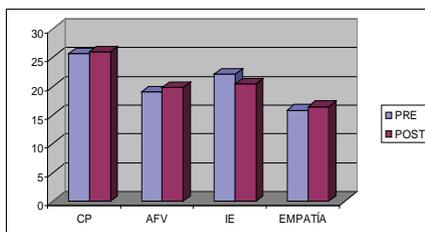
Professores



Meninos



Meninas



Segundo avaliação dos professores houve diminuição de agressão física e verbal e não houve alteração percebida quanto ao comportamento pró-social. Na avaliação dos meninos houve uma redução da instabilidade emocional e

incremento de empatia e na percepção das meninas houve um incremento de empatia e o decréscimo da instabilidade emocional. Tais resultados demonstram que alguns aspectos do comportamento infantil podem ser beneficiados por estes programas.

Considerações finais:

Para concluir, consideramos ser muito promissora a implantação de programas adequadamente planejados de intervenção mediada por animais como modalidade terapêutica complementar, e a conseqüente divulgação dos resultados obtidos. A incipiente publicação de resultados consistentes é ainda o imenso desafio a ser superado no nosso país.

Os desafios futuros incluem a participação imprescindível de médicos veterinários nas equipes para exercer a responsabilidade e a supervisão dos animais participantes. Além disso, é essencial que esses profissionais estejam capacitados para contribuir nas diferentes fases destas atividades, ou seja, do planejamento à análise de resultados. Conhecimentos sobre Etologia e Antrozootologia são requisitos indispensáveis para associar aos conhecimentos básicos sobre clínica e saúde pública. É um novo campo profissional da Medicina Veterinária e, para ser desenvolvido, necessitará do esforço conjunto entre profissionais, entidades de classe e academia.

REFERÊNCIAS:

- BECK A.M. & KATCHER A.H. A new look at pet-facilitated therapy. *Journal of the American Veterinary Medical Association* 184, 414-420, 1984.
- FARACO, C. B. *Animais em sala de aula: um estudo das repercussões psicossociais da intervenção mediada por animais. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.*
- FARACO, C. B.; PIZZINATO, A.; CSORDAS, M. C, MOREIRA, M. C; ZAVASCHI, M. L. S; SANTOS, T; OLIVEIRA, V. L. S; BOSCHETTI, F. L; MENTI, L. M. *Terapia mediada por animais e Saúde Mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre. Saúde Coletiva, n.34, p.231-236,2009.*
- WENG, HSIN-YI; KASS, P. H.; HART, L. A.; CHOMEL, B. B. *Risk factors for unsuccessful dog ownership: An epidemiologic study in Taiwan. Preventive Veterinary Medicine, v. 77, n. 1-2, p. 82-95, 2006*
- WOOD, L, GILES-CORTI, B. BULSARA, M. *The pet connection: Pets as a conduit for social capital? Social Science & Medicine 61, 1159-1173, 2005.*